



## HERÓI OU BANDIDO?

### JUVENAL ANTENA E A DOMINAÇÃO PESSOAL NA FAVELA DA PORTELINHA

Mariana Lima Marques<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho vem traçar uma análise do conceito sociológico de Dominação Pessoal tomando como base a personagem fictícia Juvenal Antena, presente na novela *Duas Caras*, escrita por Aguinaldo Silva e no ar desde agosto de 2007 na Rede Globo de Televisão.

Com base em textos escritos pelo autor da novela em seu blog, em autores como Maria Silvia de Carvalho Franco e Sérgio Buarque de Holanda, Marcelo Burgos e fundamentando o conceito de dominação legítima em Max Weber, a análise vem de encontro à polêmica gerada pela personagem, que passava pelas qualificações de bandido e herói, e já é de grande estima dos expectadores da novela.

Assim, a proposta é analisar como a personagem se configura como o grande líder da Portelinha, exercendo a dominação pessoal sobre todos os moradores dali, que o respeitam e mais: chegam quase a veneração do grande líder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pensamento Social, Dominação pessoal, Juvenal Antena.

#### INTRODUÇÃO :

O presente artigo tenta uma articulação entre a Sociologia do Combate à Pobreza e o conceito sociológico de Dominação Pessoal, tema sobre o qual se baseia minha dissertação de mestrado em andamento (Programa 2007), que analisa como se configura nas relações entre as personagens de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo a dominação pessoal tão inerente à formação social do Brasil.

Dessa forma, esse trabalho também vem analisar uma obra de ficção. Dessa vez, o objeto de análise será a figura de Juvenal Antena, personagem interpretada pelo ator Antonio Fagundes na novela *Duas Caras*, de Aguinaldo Silva, que estreou na Rede Globo de Televisão no segundo semestre de 2007.

---

<sup>1</sup> Mariana Lima Marques, pós-graduanda (Mestrado em Sociologia) pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail [campineira@gmail.com](mailto:campineira@gmail.com)

A personagem é a fundadora de uma comunidade que será denominada de Favela da Portelinha, onde Juvenal é tido como o grande herói-guardião. A Portelinha se configura como um espaço semiparalelo: é uma favela que Antena controla com punhos de aço, onde não se admite tráfico de drogas e onde também existe uma lei própria de punição aos desordeiros da ordem mantida e instituída pela personagem de Fagundes, junto com sua milícia formada pelos chamados “Sete Anões”.

Sua palavra é ordem, sua figura bem quista e respeitada por todos. Acumula, dentro da favela, as posições política, policial, judiciária e tributária, aconselhando os moradores, resolvendo problemas familiares ou econômicos, tendo sua autoridade baseada no prestígio conseguido com a formação e manutenção da favela que acaba sendo local de segurança e assistência àqueles que necessitam, mas foram relegados pela sociedade.

### **JUVENAL ANTENA: HERÓI OU BANDIDO?**

O nome do post que traz o resultado da enquête proposta por Aguinaldo Silva em seu blog<sup>2</sup> - “Juvenal Antena é Legal!”, deixa transparecer a repercussão que a personagem está tendo entre os expectadores. E a polêmica que suas ações têm causado. 63% das pessoas que responderam a pergunta “Juvenal Antena é herói ou bandido?”, disseram considerar Juvenal Antena um herói. E, o autor da novela, justifica a escolha dizendo:

A pergunta era: Juvenal Antena, com aquele seu estilo autoritário e aquela sua banca de todo poderoso dono da favela em DUAS CARAS, é um herói ou um bandido? Foram muitas respostas, inclusive as de alguns que, como aconteceu com Aloísio Mercadante na votação pra cassar Renan Calheiros, ficaram em cima do muro. Mas a maioria, como é próprio das democracias, opinou a favor ou contra. E deu a favor: 63 por cento dos que enviaram respostas para este blog disseram que, nas circunstâncias em que vivem atualmente as favelas cariocas, totalmente abandonadas pelo Estado, aqueles que se arvoram em autoridade dentro delas e dão um mínimo de tranqüilidade aos seus moradores são heróis.

O que se pretende no presente trabalho é analisar como se dá a aceitação de sua autoridade e como ela se desenvolve dentro das relações de poder dentro da favela da

---

<sup>2</sup>Disponível em: <http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/>, acessado em 22/11/2007, às 14h52.

Portelinha. Para isso, se fará uma análise primeira, com relação aos tipos de dominação legítima sugeridos por Max Weber (1994).

A favela da Portelinha foi inspirada na Comunidade Rio das Pedras, próxima a Barra da Tijuca, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Por esse motivo, as alocações das gravações de *Duas Caras* ficam em estúdios próximos à região. A Comunidade Rio das Pedras foi formada na década de 60 e possui hoje, mais de 40 mil moradores.

Segundo o Cientista Social Marcelo Burgos, organizador do livro *A Utopia da Comunidade Rio das Pedras, uma Favela Carioca*, a favela funciona como um passaporte para que o indivíduo faça parte da cidade. É um local onde as redes de solidariedade são muito fortes, solidariedade que convive com a cultura e política condizente à cidade e país.<sup>3</sup>

De acordo com os textos da coletânea de Burgos, fica claro que a violência considerada é identificada como a advinda do tráfico de drogas. Porém, se estabelece na Comunidade Rio das Pedras valores tradicionais onde imperam os vínculos interpessoais de troca e reciprocidade, colocando a Associação de Moradores como a grande agenciadora de alternativas de organização social, assim como também gestora de poder. Da mesma forma como mostra a fictícia Portelinha, a comunidade Rio das Pedras conseguiu abolir o tráfico em suas mediações, fato pelo qual é considerada uma comunidade especial dentro do Rio de Janeiro. Porém, é bem ressaltado que ali se estabeleceu um novo tipo de clientelismo, fomentado pelos sistemas de trocas intermediados pela Associação de Moradores, que cobre a comunidade com uma rede de proteção a qual se submetem todos os seus moradores<sup>4</sup>.

Embora Aguinaldo Silva diga em seu blog que a relação entre a Portelinha e a Comunidade Rio das Pedras é “mera coincidência”, são inegáveis as peculiaridades que aproximam a comunidade fictícia da real. Não há a violência do tráfico de drogas, porém, a autoridade moral da Associação de Moradores tem legitimidade na manutenção da ordem. Segundo Afrânio Silva, “conta mais o desejo de proteção que o de autonomia”.<sup>5</sup>

Nesse ponto, inserimos a figura de Juvenal Antena, que é a personificação da Associação de Moradores, toda concentrada em sua pessoa. Segundo o diretor da novela, Wolf Maia, a origem da favela da Portelinha se deu de tal forma:

---

<sup>3</sup>Disponível em [http://www.puc-io.br/editorapucio/autores/autores\\_entrevistas\\_marceloBurgos.html](http://www.puc-io.br/editorapucio/autores/autores_entrevistas_marceloBurgos.html), acessado em 26/11/2007.

<sup>4</sup>BURGOS, Marcelo (Org.). *A utopia da comunidade Rio Das Pedras*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002, p. 147.

<sup>5</sup>BURGOS, Marcelo (Org.). *A utopia da comunidade Rio Das Pedras*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002, p. 211.

Há um planejamento de progresso, porque na trama tudo começa dentro de uma obra que já tem as fundações e é abortada. Os donos da empresa negociam, então, com os operários um outro espaço, um local intermediário, o que sobrou para eles se alojarem temporariamente e construir uma barraca de lona. Isto até os trabalhadores resolverem se estabelecer e saltarmos dez anos, quando já foi construída a favela da Portelinha, onde moram mais de três mil pessoas. Esses estágios - da primeira obra, do lugar no qual moram temporariamente e da Portelinha - estão sendo gravados em seqüência.<sup>6</sup>

Embora tenha vários fundadores, pioneiros dentre os que aceitaram a empreitada de se estabelecer em tal local, é Juvenal Antena o grande líder da comunidade. Segundo Weber, os indivíduos aceitam obedecer a um líder em situação de desamparo<sup>7</sup>, e foi esse fator que naquele momento de ocupação do terreno que conferiu a legitimidade de sua dominação. Podemos desde já considerar a dominação exercida por Antena como tradicional, uma vez que ela é figura presente desde a fundação da Portelinha. Ao mesmo tempo, seja pela atuação de Antonio Fagundes, seja pela intenção do autor, é Juvenal Antena figura extremamente carismática: sua fama de valente transformou-o no imaginário das pessoas como onipotente, aquele que tudo sabe, tudo decide e tudo resolve. Se formos analisar sob a ótica de Weber, seu poder que é tradicional, também é carismático, uma vez que sua proteção é aceita pela veneração de seu caráter heróico e da confiança pessoal que os moradores tem em seu carisma<sup>8</sup>.

A situação fica evidente em cenas em que Juvenal Antena atende os moradores na sede da Associação, resolvendo os mais variados problemas: de saúde, de dinheiro e de família. Sua palavra é ordem mesmo quanto imposta, como no caso em que ele sugere que a personagem de Célia Mara, interpretada por Renata Sorah, alugue a edícula de sua nova casa situada nas proximidades da Portelinha, para servir de escritório de direção da produção do filme sobre a favela. Ela reluta, dizendo que acha melhor alugar o imóvel a alguém que ela conheça, mas ele a convence a aceitar a sua proposta. E Célia Mara, não só

---

<sup>6</sup> <http://www.pop.com.br/popnews/noticias/cultura/132914.html>

<sup>7</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Editora UNB: Brasília, 1994, p. 140.

<sup>8</sup> WEBER, Max. “Os tipos de dominação”, in *Economia e Sociedade*. Vol I, Brasília: UNB, 1994, p. 161.

aceita como fica encantada pelo carisma daquele homem tão ágil e decidido. Citando Weber:

(...) o poder se orienta pela idéia dos dominados de que essa dominação, apesar de constituir um direito pessoal e tradicional do senhor, exerce-se materialmente como direito preeminente dos associados e por isto, no interesse destes, não havendo, portanto, apropriação livre desse direito por parte do senhor.<sup>9</sup>

Embora o abuso de poder já tenha ficado evidente nos últimos capítulos, em que Juvenal Antena aparece cobrando os “impostos” das casas comerciais da favela, separando durante a contagem a verba social da verba dos “associados”, é difícil imaginar a personagem de Fagundes como sendo um bandido: seu charme, suas gírias, simpatia, além de sua coragem comprovada ao lutar frente-a-frente com ladrões e traficantes, ou até mesmo defendendo senhoras indefesas de seqüestradores, dão a impressão de ser o líder da Portelinha um verdadeiro herói. E a enquete comprova isso: segundo 63% das pessoas que participaram da enquete, Juvenal Antena é legal!

### **A PORTELINHA É O MUNDO DE JUVENAL ANTENA**

Sua dominação é legítima, tradicional e carismática ao mesmo tempo. E os moradores de seu mundo – a Portelinha – não se constituem como seres plenos de liberdade. Isso porque é claro que, todos os que moram ali devem algum tipo de satisfação a Juvenal Antena. Os estabelecimentos comerciais gozam de proteção, mas pagam por isso: é cobrada uma quantia mensal (nem sempre justa), pela Associação de Moradores comandada por Antena. A cobrança é feita por seu afilhado Evilásio, interpretado pelo ator Lázaro Ramos, num sistema que o faz parecer mais um capataz que um integrante da Associação.

Para tomar posse de sua casa, que ficava apenas próxima a Portelinha, Célia Mara precisa falar com Antena antes de tomar aquilo que ela comprou com o próprio dinheiro. Ou seja, supõe-se a presença de Juvenal Antena antes de qualquer atitude particular dentro ou nas proximidades da favela da Portelinha. Outro exemplo que demonstra essa condição é a chegada de Dália (Leona Cavalli), que assim que se estabelece com o marido em uma das

---

<sup>9</sup> Idem, p. 140.

casas da favela recebe a visita de Antena, que, averiguando que o marido era bandido e ela mantida dopada por este, manda sua milícia particular – os Sete Anões – dar “um corretivo” no marido de Dália, que é expulso da Portelinha.

É visível a distância social que existe entre Antena e os demais fundadores da Portelinha. Enquanto o primeiro vive numa confortável casa com abundância de gêneros alimentares e bem decorada, os demais têm uma vida muito mais simples. A distância entre eles existe, mas é justamente ofuscada pela dominação pessoal, que falseia as relações com ares niveladores.

Como diz Maria Sylvia de Carvalho Franco<sup>10</sup>, uma das formas mais eficazes de nivelamento é o compadrio. Ora, uma das principais figuras da Portelinha, o já citado Evilásio, é afilhado de Juvenal Antena e braço direito na execução das tarefas da Associação. Citando Franco,

Dominação entre semelhantes, o compadrio supõe um certo grau de indeterminação na forma da estratificação social. Esse estado de coisas traduziu-se (...) na ausência de marcas exteriores nítidas de diferenciação social, submersas na simplicidade dos costumes, mantidos mesmo quando a antiga pobreza foi substituída pela prosperidade do café.<sup>11</sup>

Antena necessita de um sistema onde homens leais lhe prestem seus serviços, e seus “capangas” são recrutados de maneira pessoal. A lealdade inclui o reconhecimento do benefício recebido, ou seja, o sentimento de gratidão e a retribuição equivalente. Porém, é de se destacar que o poder de critério, arbítrio e juízo estavam excluídos. Em uma cena da novela, Evilásio questiona o porquê de uma ação violenta do Padrinho. Esse, por sua vez, determina que perguntas não sejam feitas e ordena que a tarefa seja executada rapidamente.

A lealdade inclui o reconhecimento do benefício recebido, o sentimento de gratidão por ele e o imperativo de sua retribuição equivalente. (...) o mesmo homem que no cotidiano, recebia um tratamento nivelador, cujo ajustamento social se processava mediante a ativação de seus predicados morais, era efetivamente compelido a comportamentos

---

<sup>10</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, Editora Unesp, 1997, p. 89

<sup>11</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, Editora Unesp, 1997, p. 86.

automáticos, de onde o critério, o arbítrio e o juízo estavam completamente excluídos.<sup>12</sup>

A visão e o proceder do senhor presumem a condição humana dos demais. A dominação pessoal, o fabricar de lealdades e fidelidades exclui a oportunidade de um existir autônomo. A admissão do dependente como pessoa é fundamental, e a ordem vigente aniquila seus predicados de ser humano no momento que ele aceita a autoridade do outro, que para ele, é boa. A harmonia aparente oculta as tensões, alienando os dominados, reduzindo-os à inércia: o mundo do dominado é formalmente livre. Esse processo anula a possibilidade de autoconsciência, domesticando a criatura dominada. Para esta resta o destino imóvel e conformado.<sup>13</sup>

O fato de Juvenal Antena se apoderar de recursos da comunidade é explicado por Franco (1997) como uma herança patriarcal, onde o público toma conta do privado. Uma vez fundamental na execução das benfeitorias feitas na favela, o agente se sente no direito de se aproveitar da situação.

Transfere-se assim, em sua plenitude, o poderio impessoal que o dinheiro encerra para as mãos daqueles que, em dado momento, representam a autoridade pública e geram seus recursos. (...)

Essa mistura entre coisa pública e os negócios privados fundamentam, sem dúvida, a extensão do controle pessoal a todo o patrimônio do Estado. A passagem é rápida: o homem que sustenta com recursos particulares as realizações próprias do governo está subjetivamente pronto para considerar como seu o conjunto de bens públicos confiados à sua guarda.<sup>14</sup>

A Portelinha é o mundo de Antena, a favela é sua posse, propriamente dita. O resto do mundo foge à sua apreensão. É ali que ele institui as suas normas e onde se legitima seu poder. A cena que faz a transição da Portelinha de 10 anos atrás para a Portelinha dos dias de hoje mostra bem o que isso representa: Antena jura que fará daquele terreno ocupado uma verdadeira comunidade de bem, e levanta as mãos para o céu, que se dissolve na imagem da Portelinha dos dias de hoje, livre do tráfico, controlada e miliciada por ele,

---

<sup>12</sup> Idem, p. 93.

<sup>13</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, Editora Unesp, 1997, p. 94-95.

<sup>14</sup> Idem, pp.127 - 131

fomentando a sua dominação tradicional-carismática e mostrando que ele foi o líder escolhido por todos.

### **JUVENAL ANTENA É CORDIAL?**

Justificando-se ao público pela forte cena onde Evilásio é vítima de racismo na casa da namorada branca e rica - Julia, interpretada por Débora Falabella - , Aguinaldo Silva escreveu em seu blog que, como filho de pai branco e mãe negra, sentiu na pele o significado do preconceito, e se desculpa pela rudeza da exposição na novela. O título do post é “Vivemos em uma sociedade cordial?”. Com certeza, o autor de *Duas Caras* faz alusão ao capítulo de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, “O Homem Cordial”.

Juvenal Antena é, certamente, a figura de um homem cordial. Seus excessos são amenizados na própria montagem das cenas. Um momento que deveria ser de tensão, quando Juvenal Antena invade a casa de Alzira (Flavia Alessandra) - a dançarina da wiskeria que o fascinou na noite anterior - a tentativa de estupro é encenada com muito bom humor e de forma deixar parecer o personagem de Fagundes o mesmo bonachão de sempre. É tudo feito de forma pitoresca, que faz o expectador achar graça da situação e não reconhecer o real significado do que está sendo exposto.

Juvenal Antena é encantador. Seduz as benfeitoras da alta sociedade que visitam a Portelinha, tem a devoção sem ressalvas de sua secretária, que apesar de misteriosa, vem de uma camada abastada da sociedade e é uma pessoa bem esclarecida. Bem disse o dono da wiskeria, Jojô: “Juvenal Antena pede, Juvenal Antena manda!”. Cada ordem, cada chamado é feito sempre com um sorriso no rosto e um carisma que faz que todos se curvem a sua pessoa.

Ele é o grande pai da Portelinha, e sendo assim, é pai de todos. Cuida de toda a comunidade, fazendo desse, seu ofício. Sabe ser o pai carinhoso e sabe ser o pai rígido, e cobra sempre, de todos, respeito e devoção às suas ordens. Escolhe, entre os mais devotos e confiáveis, seu corpo administrativo, fazendo desse seu braço direito dentro da Favela.

Como diz Sérgio Buarque de Holanda (2005), nossa sociedade tem uma base familiar muito forte, vinda ainda do mundo rural, transportando para a sociedade urbana um modelo desequilibrado socialmente, por não saber se ajustar às novas formas de convívio<sup>15</sup>.

Se, o homem cordial é aquele onde reside a ativa e fecunda influência ancestral dos padrões de convívio humano firmados no meio humano patriarcal, onde a intimidade é fator importante nas relações, assim é Juvenal Antena. Ele é próximo de todos aqueles que residem em *sua* favela. Controla e sabe da vida íntima de todos, usando a ajuda e o favor como arma de recrutamento do pessoal que o defende, assim como a mantém a favela da Portelinha, (o lugar que 4 mil pessoas encontraram para viver dignamente), sob a égide de um líder tradicional-carismático que provém tudo o que precisam, sem que eles precisem se submeter às humilhações assistenciais do mundo além da Portelinha.

## CONCLUSÃO

A figura de Juvenal Antena revela a antiga herança patriarcal brasileira. Sua imagem, carismática, encanta moradores e não moradores da Portelinha, e sua qualidade de valentia faz com que ele tenha o respeito de todos. Protege a população em troca de uma colaboração á Associação de Moradores, e, como já foi sutilmente mostrado em um dos capítulos, embolsa boa parte do dinheiro recebido.

Entretanto, sua dominação legitimada ofusca qualquer tipo de manifestação contra a sua pessoa. A dominação pessoal, que como diz Maria Silvia de Carvalho Franco, inibe a vontade e a opinião própria faz com que os moradores da Portelinha apóiem, venerem a figura de Antena. É o grande protetor que, transporta para a favela os moldes familiares de nossa sociedade.

A Portelinha, é seu mundo. O resto, foge à sua apreensão. E como pode se observar assistindo aos capítulos, esse fato não constitui problema para a personagem, que fez daquele o seu habitat natural. E sendo seu esse espaço, todos os esforços vão em direção da manutenção e proteção dos moradores, fazendo com que Antena tudo saiba, comande o observe e com que os moradores obedeçam e tenham profundo sentimento de gratidão pela sua pessoa.

---

<sup>15</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. “O homem cordial”, in Raízes do Brasil. SP: Companhia das Letras, 2005, pp. 141-151.

## **FONTES DE CONSULTA**

### **BIBLIOGRAFIA**

BURGOS, Marcelo (Org.). A utopia da comunidade Rio Das Pedras. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens Livres na Ordem Escravocrata. São Paulo, Editora Unesp, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. “O homem cordial”, in Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 141-151.

WEBER, Max. “Os tipos de dominação”, in Economia e Sociedade. Vol I, Brasília: UNB, 1994.

### **Sítios da Internet**

Blog do Aguinaldo Silva.

Disponível em <http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/>, acessado em 22/11/2007, às 14h52.

PopNews.

Disponível em <http://www.pop.com.br/popnews/noticias/cultura/132914.html>, Acessado em 22/11/2007.

Puc-Rio Autores – Marcelo Burgos.

Disponível em [http://www.puc-rio.br/editorapucRio/autores/autores\\_entrevistas\\_marceloBurgos.html](http://www.puc-rio.br/editorapucRio/autores/autores_entrevistas_marceloBurgos.html), Acessado em 26/11/2007.